

Brincadeiras de rua como um espaço de manifestação da criatividade na infância

Street play as a space for creativity manifestation in childhood

Núbia Guimarães da Silva¹
Lucélida de Fatima Maia da Costa²

Resumo

Este artigo analisa o desenvolvimento da criatividade nas brincadeiras de rua, destacando como a interação livre permite às crianças inovar e resolver problemas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos dados foram construídos por meio de revisão bibliográfica, conforme os critérios de Lima e Miotto (2007), e de observação sistemática em duas ruas do bairro Castanhal, em Parintins-AM. A análise dos dados foi realizada por meio da triangulação. Os resultados indicam que as brincadeiras estimulam a cooperação, a criação coletiva e a adaptação, aspectos fundamentais para o desenvolvimento da criatividade e das habilidades sociais, evidenciando que o brincar livre constitui um ambiente privilegiado para o desenvolvimento cognitivo infantil, devendo ser valorizado tanto no contexto social quanto educacional.

Palavras-chave: Brincadeiras de rua; Criatividade; Processos cognitivos.

Abstract

This article analyzes the development of creativity in street play, highlighting how free interaction allows children to innovate and solve problems. It is a qualitative study, with data constructed through a literature review based on the criteria of Lima and Miotto (2007), and systematic observation on two streets in the Castanhal neighborhood, in Parintins-AM. Data analysis was carried out using triangulation. The results indicate that play stimulates cooperation, collective creation and adaptation, fundamental aspects for the development of creativity and social skills, showing that free play is a privileged environment for children's cognitive development and should be valued in both social and educational contexts.

Keywords: Street play; Creativity; Cognitive processes.

1. Introdução

As brincadeiras de rua desempenham um papel fundamental no desenvolvimento infantil, especialmente por estimularem a criatividade de forma espontânea. Entendemos por brincadeiras de rua aquelas que ocorrem nos espaços abertos das comunidades, como ruas, becos e calçadas, organizadas pelas próprias

¹ Mestranda em Educação em Ciência na Amazônia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua na Escola Normal Superior (ENS/Manaus). E-mail: nubiasguimaraes25@gmail.com

² Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Centro de Estudos Superiores de Parintins na Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA). Também é Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciência da Universidade do Estado do Amazonas (CESP/UEA). E-mail: lucelida@uea.edu.br

crianças a partir dos recursos disponíveis no ambiente. Embora nas grandes cidades essas práticas estejam sendo substituídas por jogos eletrônicos, é importante lembrar que as brincadeiras de rua proporcionam um ambiente onde as crianças exploram livremente, criam regras próprias e experimentam diferentes formas de pensar e agir. Essa liberdade de criação e improvisação favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, como a cooperação, a empatia e a resolução de conflitos.

Segundo Vygotsky (1998), o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, pois permite que a criança, por meio da imaginação, ressignifique suas experiências. Ao brincar, ela desenvolve importantes funções cognitivas ao lidar com desafios simbólicos que exigem planejamento, controle emocional e flexibilidade para adaptar-se a novas regras e papéis. Tais exigências fortalecem a autonomia e o pensamento criativo.

Dessa forma, as brincadeiras de rua tornam-se um terreno fértil para a criatividade, possibilitando que as crianças criem jogos, reinventem regras e desenvolvam soluções próprias para os desafios do brincar. Além dos ganhos cognitivos, essas interações favorecem a construção de competências sociais, como o trabalho em equipe e o respeito às diferenças.

Pereira e Fleith (2020) destacam que a criatividade está diretamente relacionada ao ambiente e às experiências sociais. Nesse sentido, o espaço lúdico e livre das brincadeiras de rua configura-se como um contexto privilegiado para sua manifestação.

Com base nesse panorama, este artigo apresenta um recorte de um estudo realizado com crianças no bairro do Castanhal em Parintins, no estado do Amazonas, no qual analisamos brincadeiras como amarelinha, pula corda, rouba-bandeira e brincadeira com terra. A partir de uma revisão bibliográfica e de observações sistemáticas, buscamos identificar indícios de como essas práticas populares favorecem a expressão criativa das crianças.

A questão norteadora desta investigação é: como o processo cognitivo da criatividade se manifesta durante as brincadeiras de rua? Acreditamos que, ao se envolverem em jogos criados ou adaptados por elas mesmas, as crianças expressam comportamentos que refletem sua capacidade de inovação e resolução de problemas. No entanto, ainda há lacunas no entendimento de como essas manifestações ocorrem e de que maneira contribuem para o desenvolvimento infantil.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é investigar de que forma a criatividade se manifesta nas ações das crianças durante as brincadeiras de rua, ampliando a compreensão sobre o papel do brincar livre no desenvolvimento cognitivo e criativo na infância.

2. A criatividade como processo cognitivo

A criatividade é um processo cognitivo complexo e de ordem superior, essencial para a resolução de problemas em diversos contextos (Sternberg, 2010). A partir da revisão bibliográfica realizada percebemos que as brincadeiras de rua instigam o desenvolvimento da criatividade em conjunto com a mobilização de outros processos cognitivos. No quadro 1, a seguir, apresentamos os trabalhos selecionados para estudo.

Quadro 1 – Recorte da revisão bibliográfica

AUTOR/ANO	TÍTULO	TIPO	OBJETIVO	SÍNTESE INTERPRETATIVA
Figueiredo (2017)	Crianças e territorialidades: As brincadeiras nas ruas do bairro da União em Parintins/AM	Tese	Refletir sobre as brincadeiras nas ruas do bairro da União na perspectiva de compreender os processos de construção de territorialidades vivenciados na liberdade das brincadeiras nas ruas.	As crianças, ao brincar nas ruas, não seguem apenas as normas culturais, mas criam suas próprias regras e comportamentos, o que promove autonomia e habilidades essenciais.
Pereira (2023)	Brincadeiras das infâncias como espaço de mobilização de ideias matemáticas nos anos iniciais da escolarização	Dissertação	Compreender como as brincadeiras realizadas na infância podem se constituir espaços de mobilização de ideias matemáticas nos anos iniciais da escolarização.	As brincadeiras infantis são ambientes ricos de aprendizagem, inclusive em matemática, proporcionando significado e contexto ao conteúdo ensinado na escola.
Costa (2023)	Se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava vir brincar	Monografia	Refletir a relevância das brincadeiras de rua no desenvolvimento infantil, enfatizando como elas contribuem tanto para o crescimento cognitivo quanto para a formação social e emocional das crianças.	As brincadeiras de rua proporcionam aprendizado significativo, desenvolvimento motor, socialização, resolução de problemas e construção de identidade.

Rocha (2021)	Esse rio é minha rua: experiência de lazer das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu em Belém-PA	Dissertação	investigar as experiências de lazer das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu, analisando o cotidiano de jogos, brinquedos e brincadeiras fora do espaço escolar e refletir sobre suas influências na cultura lúdica infantil.	Nas brincadeiras há transmissão de tradições, construção de identidades e resistências.
---------------------	--	-------------	--	---

Fonte: revisão bibliográfica organizada pelas pesquisadoras (2025).

Os trabalhos selecionados na revisão bibliográfica reforçam a ideia de que as brincadeiras de rua são espaços privilegiados para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, especialmente a criatividade. A tese de Figueiredo (2017) é fundamental nesse sentido, pois mostra que, ao brincarem nas ruas, as crianças não apenas reproduzem comportamentos culturais, mas criam regras próprias, demonstrando autonomia e capacidade inventiva. Essa construção de novas regras e modos de agir revela a criatividade como uma ferramenta ativa no cotidiano lúdico das infâncias, sendo mobilizada de forma espontânea, uma característica essencial do brincar. As percepções dessa autora coadunam com as ideias de Fonseca (2018, p. 225) que afirma que “a criança por natureza, é um ser criativo”.

A dissertação de Pereira (2023) também contribui de forma significativa para nosso estudo ao mostrar que, nas brincadeiras, as crianças mobilizam ideias matemáticas de forma criativa. Esse estudo reforça o entendimento de que a criatividade está diretamente ligada à resolução de problemas e à construção de raciocínios, o que amplia o papel das brincadeiras para além do entretenimento. As interações espontâneas e a resolução coletiva de desafios presentes nas brincadeiras são momentos ricos para a manifestação do pensamento criativo e de outros processos cognitivos, como a memória e a atenção.

Nesse contexto, vale destacar que, conforme argumenta Sternberg (2010, p. 383), “[...] se pudermos obter rapidamente uma resposta da memória, não temos um problema. Caso não tenhamos uma resposta imediata, então temos um problema para ser resolvido”. Essa reflexão evidencia como as brincadeiras contribuem para o exercício da memória e da criatividade, à medida que as crianças, durante as brincadeiras, buscam soluções em contextos imprevisíveis e desafiadores.

Somando a essas contribuições, os trabalhos de Costa (2023) e Rocha (2021) enfatizam o valor das brincadeiras para o desenvolvimento integral das crianças. Costa destaca como as brincadeiras de rua promovem o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, ao passo que Rocha analisa o contexto ribeirinho e mostra que as brincadeiras carregam tradições culturais e fortalecem identidades. Ambos os estudos nos fazem refletir sobre o fato de que a criatividade não ocorre de forma isolada, mas está vinculada ao ambiente, às relações sociais e às experiências vividas pelas crianças nos espaços abertos.

Para compreender mais profundamente como essa criatividade se manifesta no plano cognitivo, é necessário considerarmos os processos mentais envolvidos. Nessa direção, Costa (2024) destaca que os processos cognitivos superiores emergem do acionamento, processamento e integração de processos básicos, como atenção, memória e percepção. Ainda de acordo com a autora os processos básicos são os primeiros a serem ativados quando o indivíduo é exposto a um estímulo, e não são exclusivos dos seres humanos, sendo observados também em outras espécies. A criatividade, por sua vez, surge como o resultado da ativação desses processos, sendo desenvolvida pela prática constante de combinar e reorganizar ideias de maneira inovadora.

Embora, frequentemente dita como um dom inato restrito a algumas pessoas, estudos revelam que a criatividade pode ser desenvolvida ao longo da vida. Isso ocorre porque a criatividade envolve um conjunto de processos mentais que podem ser aprimorados por meio da experiência e do aprendizado (Pereira; Fleith, 2020). Esses processos incluem habilidades que permitem ao indivíduo pensar de forma independente, flexível e imaginativa, promovendo a criação de algo novo e único.

Nesse sentido, Ashton (2016) argumenta que a criatividade não é um privilégio de poucos, mas uma característica essencial da espécie humana, diretamente ligada à nossa capacidade de inovação:

O que torna nossa espécie diferente e dominante é a inovação. O que existe de especial em nós não é o tamanho do cérebro, a fala ou o fato de usarmos ferramentas. É que cada um de nós, a seu modo, é impelido a melhorar as coisas. Ocupamos o nicho evolucionário do novo. O nicho do novo não é propriedade de uns poucos privilegiados. É o que nos torna humanos. (Ashton, 2016, s.p.).

Compreender essa dimensão como parte de nossa natureza exige uma análise mais profunda dos processos mentais e cerebrais que sustentam a criatividade. O desenvolvimento dos processos cognitivos está diretamente relacionado ao funcionamento do cérebro. Segundo Cosenza e Guerra (2011), as funções executivas, associadas ao córtex pré-frontal, são fundamentais para o planejamento, raciocínio e tomada de decisões, todas essenciais para a criatividade.

No entanto, concepções populares frequentemente simplificam essa relação, atribuindo a criatividade exclusivamente ao hemisfério direito. Estudos em neurociência, como apontam Alencar, et al (2016), indicam que diversas áreas cerebrais são ativadas durante atividades criativas, revelando que a criatividade é um fenômeno complexo, que envolve a integração de múltiplas regiões do sistema neural. Sternberg (2010), por sua vez, complementa essa visão ao afirmar que as regiões pré-frontais do cérebro tendem a ser especialmente ativadas durante o processo criativo, independentemente de o pensamento ser dirigido ou espontâneo.

O processo criativo, no entanto, não se resume apenas à ativação de áreas específicas do cérebro. As funções executivas fornecem a base para a organização do pensamento, mas é a capacidade de romper com essas estruturas que permite à criatividade explorar novos caminhos. O equilíbrio entre o controle das funções executivas e a liberdade cognitiva é o que possibilita a inovação genuína, permitindo a criação de algo original. De acordo com Pereira e Fleith (2020), em suas análises dos estudos de Guilford (1986), o ato criativo envolve processos adicionais, como a capacidade de fazer associações livres entre ideias aparentemente desconexas, ampliando o alcance da criatividade.

Um exemplo claro dessa dinâmica pode ser visto nas brincadeiras de rua, que oferecem um ambiente fértil para o desenvolvimento da criatividade porque requerem que as crianças explorem suas próprias ideias e soluções de forma espontânea. Durante essas interações lúdicas, as crianças inventam novas regras e adaptam as brincadeiras com os recursos disponíveis. Essa realidade é bem capturada por Figueiredo (2017), que descreve como, nas ruas do Bairro da União, na cidade de Parintins, as crianças improvisam brinquedos a partir de materiais do cotidiano.

[...] nas ruas do Bairro da União as áreas de lazer contam com o improviso e os brinquedos que as crianças utilizam são originados nas suas criatividade, a partir daquilo que dispõem como matéria-prima, sejam as bolas feitas de sacola ou de isopor, as casinhas feitas de entulhos, bole-bole de caroço de manga, traves de sandálias ou

garrafas de plástico, as bicicletas metade carcaça e a outra com pedaços de madeiras, tudo reverbera no ato de brincar como um ato de criar/recriar, pois cada fragmento revela um brinquedo ou ganha uma conexão com o imaginário. (Figueiredo, 2017, p. 86).

Nessas brincadeiras, como evidenciado anteriormente, a liberdade para improvisar não apenas estimula o pensamento criativo, mas também outros processos cognitivos superiores, como linguagem, raciocínio e resolução de problemas, que são ativados em situações de jogo. A combinação entre a liberdade criativa e o uso de funções executivas permite o desenvolvimento de competências essenciais, como colaboração e inovação, cruciais para a resolução de problemas.

A criatividade não se limita à criação de algo concreto ou visual. Para Alencar et al (2016), ela está diretamente relacionada ao conhecimento e à inovação, desempenhando um papel fundamental na reorganização de informações de maneiras novas e úteis. Essa capacidade permite que os indivíduos pensem fora da caixa, questionem premissas estabelecidas e façam associações entre dados novos e antigos. Na mesma linha, Filho (2020) menciona a teoria do investimento em criatividade de Sternberg e Lubart (1995), que reforça essa ideia ao destacar que a criatividade envolve a combinação de diferentes formas de conhecimento para gerar novas soluções. Nesse contexto, a criatividade torna-se uma ferramenta essencial para a adaptação e a resolução de desafios imprevisíveis.

Portanto, a criatividade é um processo dinâmico e interativo. O pensamento flexível permite que as crianças modifiquem brincadeiras e adaptem-se às interações com os colegas, fortalecendo habilidades como trabalho em grupo e resolução de conflitos. Essa capacidade de criar, reinterpretar e experimentar novas formas de interação é essencial para o desenvolvimento cognitivo global.

Na vida adulta, a criatividade continua a desempenhar um papel crucial, manifestando-se em diversas áreas, como artes, ciências e na resolução de problemas cotidianos. Em um mundo de rápidas mudanças tecnológicas e sociais, a habilidade de pensar criativamente é cada vez mais valorizada. Esse cenário, marcado por profundas transformações, exige uma capacidade de adaptação e inovação constante, como observado por Alencar et, al (2016), ao afirmarem que:

Paralelamente a esse quadro de profundas mudanças, surge a valorização da capacidade intelectual da humanidade. Afinal, mentes muito bem treinadas são capazes não só de produzir, mas

principalmente de organizar, gerenciar e otimizar a informação disponível atualmente (Alencar et al, 2016, p. 17).

Dessa forma, a criatividade se destaca não apenas como uma habilidade artística ou científica, mas como um mecanismo essencial para lidar com as demandas contemporâneas, que exigem organização e otimização de informações em um ritmo acelerado. Ao entendermos a criatividade como um processo cognitivo, reconhecemos que ela vai além da simples criação de algo novo. Trata-se de um processo fundamental de adaptação, aprendizagem e inovação, que está presente tanto nas atividades cotidianas das crianças quanto ao longo da vida adulta. Cultivar a criatividade é, portanto, cultivar a capacidade de imaginar e transformar a realidade.

3. Procedimentos metodológicos

Este é um estudo descritivo cuja metodologia se fundamenta em uma abordagem qualitativa, pois foca nos processos de pensamento e em suas manifestações, bem como nas estratégias criativas utilizadas para resolver problemas. Segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa é essencial para explorar fenômenos que envolvem seres humanos e suas interações sociais, proporcionando uma compreensão mais aprofundada desses contextos.

A escolha por essa abordagem justifica-se pela natureza subjetiva e complexa do fenômeno estudado, que não pode ser adequadamente captado por métodos quantitativos. No contexto deste estudo, a pesquisa qualitativa favorece uma análise interpretativa, proporcionando uma visão detalhada das experiências e interações sociais das crianças, com foco nos processos cognitivos envolvidos nas brincadeiras de rua (Costa; Souza; Lucena, 2015).

Inicialmente, para a construção dos dados, realizamos uma revisão bibliográfica, cujos resultados complementaram informações obtidas por meio de observações sistemáticas do fenômeno. Na busca de informações bibliográficas utilizamos as palavras-chave “brincadeiras de rua e criatividade”, nas plataformas Google Acadêmico e nos repositórios de teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA) e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM). A delimitação temporal para a busca de materiais restringiu-se ao período de 2015 a 2024.

Para o desenvolvimento da revisão bibliográfica seguimos etapas descritas por Lima e Miotto (2007). De acordo com esses autores, estruturamos a revisão em etapas: leitura de reconhecimento, leitura exploratória, leitura seletiva, leitura reflexiva ou crítica e leitura interpretativa. Nas duas últimas etapas, procedemos com a análise crítica das informações coletadas, considerando os objetivos da pesquisa.

Na seleção dos trabalhos, primeiramente, realizamos a leitura dos títulos, verificando a presença dos termos “brincadeiras de rua” e “criatividade”. Em seguida, analisamos os resumos para identificar possíveis contribuições relevantes à pesquisa. Consideramos apenas estudos publicados em português nos últimos nove anos.

Durante o processo de seleção, excluímos estudos que não abordavam diretamente as brincadeiras de rua. Também desconsideramos trabalhos que não discutiam o desenvolvimento de habilidades criativas promovidas por essas práticas, uma vez que tais aspectos eram essenciais para os objetivos da pesquisa.

Quanto ao processo de observação, esclarecemos que foi realizado em duas ruas do bairro Castanhal localizado na área periférica da cidade de Parintins-AM. Essas ruas possuem pouco trânsito e uma delas finaliza no rio. Nelas as crianças costumam brincar no fim da tarde, faça chuva ou faça sol. A observação foi do tipo direta e sistemática, que de acordo com Marconi e Lakatos (2021, p. 83), “[...] é uma técnica de coleta de dados que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Ou seja, essa técnica nos permite estar presente no campo e usar os sentidos para captarmos o que acontece no ambiente observado.

Utilizamos um roteiro previamente elaborado para evitar distrações, observamos o tipo de brincadeira, a quantidade de participantes, os critérios de seleção dos envolvidos, a construção das regras e as formas de resolução de conflitos. A análise dos dados ocorreu por meio de uma triangulação, que permite ao pesquisador integrar diferentes técnicas dentro de uma mesma investigação, ampliando a riqueza e a profundidade da análise (Azevedo et al, 2013). Assim, confrontamos as informações obtidas por meio da revisão bibliográfica, das observações e de nossas percepções sobre o fenômeno estudado.

No recorte que apresentamos destacamos que, por meio das brincadeiras, as crianças aprimoram processos mentais essenciais ao desenvolvimento cognitivo e à compreensão do mundo. Pois, ao brincar as crianças demarcam territórios e constroem identidades e, nesse processo se desenvolvem social e cognitivamente

(Figueiredo, 2017; Costa; Pereira, 2023). Ou seja, as brincadeiras são momentos de interação, ricos em oportunidades para a expressão criativa, além de contribuírem para o fortalecimento das habilidades sociais e cognitivas das crianças.

4. Manifestação do processo criativo nas ações das crianças

As brincadeiras de rua desempenham um papel essencial no desenvolvimento cognitivo infantil. Durante essas atividades lúdicas, a criatividade das crianças se manifesta de várias maneiras, especialmente na forma como elas enfrentam desafios e interagem com o ambiente ao seu redor. Essas brincadeiras proporcionam um espaço privilegiado para o desenvolvimento simultâneo de habilidades sociais e cognitivas. A imaginação, fundamental para o pensamento criativo e a resolução de problemas, se destaca nesse processo, permitindo que as crianças explorem novas possibilidades e soluções. Segundo Pereira (2023, p. 52), “as brincadeiras funcionam como espaços de ampliação de aprendizagens, em que a criança expressa sua criatividade e usa sua imaginação”.

De acordo com Vygotsky (1998, p. 106), a imaginação é “um processo psicológico novo para a criança em desenvolvimento; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente [...]. Como todas as funções da consciência, ela surge originariamente da ação e na interação com o outro”. Esse processo permite que as crianças criem interpretações da realidade e explorem possibilidades que vão além do mundo imediato.

Em brincadeiras como amarelinha, pular corda, rouba bandeira e outras desenvolvidas nos espaços da rua, a imaginação está em constante ação, permitindo que as crianças adaptem regras, criem narrativas e transformem objetos comuns em elementos significativos do jogo. Frequentemente, elas demonstram uma impressionante capacidade de converter elementos simples do cotidiano em componentes de jogos, indicando um processo criativo em andamento, no qual reorganizam a realidade e atribuem novos significados a objetos e espaços.

A seguir, apresentamos algumas dessas brincadeiras, destacando a dinâmica, o número de participantes e as estratégias utilizadas para garantir a organização e a participação de todos, evidenciando seu potencial criativo.

A primeira brincadeira apresentada é a amarelinha. Nessa brincadeira, observamos como as crianças organizam o espaço coletivo para brincar, utilizando

elementos simples, como linhas desenhadas no chão e uma pequena pedra para marcar o quadrado que não deve ser pisado. Essa estrutura, construída com poucos recursos, revela o uso criativo do espaço, a construção coletiva de regras e a capacidade de transformar o cotidiano em experiência lúdica.

Durante a atividade, seis crianças participaram ativamente. Enquanto duas brincavam, as outras aguardavam a vez, demonstrando respeito mútuo e engajamento com a dinâmica. As regras eram fixas, as próprias crianças as criavam e modificavam conforme a interação, negociando novas formas de brincar para garantir que todos pudessem participar sem conflitos. Por exemplo, quem perdia saía da rodada, permitindo a entrada do próximo participante.

A Figura 1, a seguir, ilustra o momento em que as crianças brincam de amarelinha e adaptam o ambiente (parte da rua) para a vivência lúdica.

Figura 1 - Brincadeira de Amarelinha



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2025).

A brincadeira, embora simples à primeira vista, mobiliza processos complexos, como o planejamento dos movimentos, o equilíbrio e a tomada de decisões rápidas. Além disso, promove habilidades sociais importantes, como cooperação, respeito às regras e empatia. A flexibilidade das crianças em adaptar o jogo, seja usando pedras de tamanhos diferentes, seja inventando novas sequências de salto, demonstra uma criatividade ativa, que se manifesta na reinvenção constante da brincadeira. Essa capacidade de inovar, resolver problemas em grupo e transformar o já conhecido em

algo novo e desafiador, reforça o papel essencial das brincadeiras no desenvolvimento da criatividade infantil.

Nesse sentido, lembramos Benjamin (2002) por destacar que a criança não apenas interage com o mundo, mas também cria interpretações complexas da realidade. Ela é capaz de ver além do uso comum dos objetos, transformando-os para atender às suas necessidades e desejos. Por exemplo, um pedaço de madeira pode se tornar um cavalo de pau, a areia pode ser moldada em bolos para uma festa fictícia, e cadeiras podem se transformar em um trem, onde a criança assume o papel de condutora, imitando o comportamento dos adultos.

Essa perspectiva benjaminiana pode ser visualizada nas Figuras 2 e 3, que mostram um grupo de crianças brincando com a terra, moldando rostos e formas diretamente no chão.

Figuras 2 e 3 – Crianças brincando com terra



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras (2025).

A imagem revela a utilização criativa de materiais simples, como pedaços de garrafa e pequenos objetos plásticos, transformados em instrumentos simbólicos da brincadeira. As crianças os usam para juntar a terra e moldar formas no chão, como se cada objeto tivesse sido ressignificado para atender a um propósito inventado por elas. Nesse cenário, a terra deixa de ser apenas um recurso natural e se torna suporte para a expressão criativa, a interação social e a elaboração simbólica.

Como podemos observar, um grupo de nove crianças está envolvido na atividade, ajoelhadas ou agachadas ao redor das figuras moldadas. Cada gesto, cada

traço na areia, parece carregar intenções compartilhadas. As crianças constroem rostos, figuras humanas e formas que lembram castelos ou cercados, mobilizando experiências sensoriais e cognitivas que vão além do lúdico. O corpo todo participa, as mãos sujas de areia, os pés descalços em contato com o chão, o olhar atento ao que está sendo criado. Trata-se de um processo ativo de invenção, onde a imaginação e a materialidade se entrelaçam.

As crianças negociam ideias, distribuem tarefas espontaneamente, ajustam o espaço de ação coletiva e constroem narrativas em grupo. Algumas modelam, outras observam ou orientam, há um fluxo constante de participação, que revela como o brincar é também um exercício de criação coletiva e experimentação sensível do mundo. É uma cena que ilustra, com força e beleza, como a imaginação infantil se ancora na realidade para, a partir dela, reinventá-la.

As ideias de Vygotsky (1998) nos ajudam a refletirmos sobre essa perspectiva ao afirmar que, mesmo nas brincadeiras aparentemente fantásticas, as crianças não partem exclusivamente da imaginação ou fantasia. Suas criações sempre têm como base significados culturalmente construídos, seja ao imitar instrumentos utilizados pelos adultos ou ao atribuir novos sentidos aos objetos ao seu redor. De acordo com Rocha (2021), embora as brincadeiras estejam associadas à fantasia e à imaginação infantil, elas não se afastam da realidade. Essa interseção entre imaginação e cultura é essencial para o desenvolvimento da criatividade, permitindo que as crianças explorem novas possibilidades dentro de um contexto familiar.

Nesse ambiente lúdico, a criatividade se manifesta e se expande. Costa (2023, p. 26) destaca que “as brincadeiras ajudam as crianças a desenvolver suas habilidades cognitivas, incluindo a memória, a atenção, a concentração, a resolução de problemas e a criatividade”. A criança, ao criar e experimentar, desenvolve estratégias inovadoras e constrói conceitos. Fonseca (2014, p. 239) complementa que “os processos cognitivos são socialmente construídos, pois decorrem, por um lado, da transmissão cultural intergeracional e, por outro, da interação social entre os seres humanos que a materializam”.

As brincadeiras de rua, ao envolverem a colaboração entre as crianças, permitem que elas absorvam elementos culturais e criem formas de entender e interpretar o mundo. Por meio dessas experiências, as crianças desenvolvem sua criatividade, transformando o cotidiano em um espaço de invenção e imaginação.

Queiroz et al. (2006, p. 174) reforçam essa ideia ao afirmarem que “a subjetividade da criança vai se formando nas interações que estabelece com seus parceiros nos contextos cotidianos”, destacando a importância dessas interações para a criação de novas formas de expressão.

Nesse contexto, as interações promovidas pelas brincadeiras desempenham um papel central no desenvolvimento criativo. As crianças lidam com diferentes regras, pontos de vista e desafios, sendo constantemente instigadas a criar soluções originais, negociar realidades e reinventar as dinâmicas do brincar. Além da imaginação, desenvolvem competências como empatia, cooperação e respeito às diferenças.

Essas interações ocorrem de forma espontânea e colaborativa, favorecendo a experimentação e o aprendizado social. Pereira (2023, p. 67) enfatiza que “conforme ocorrem as interações sociais, as experiências vividas e a realização das atividades pela criança, ela avança do estágio mais natural para o estágio de constituição das funções psicológicas superiores, evoluindo cognitivamente”. Esse avanço é fundamental para a criatividade, pois permite um ciclo contínuo de aprendizado, expressão e ressignificação do mundo.

Por meio da criação de objetos, regras e personagens, as crianças expressam sua criatividade e revelam suas ideias e emoções de maneira única. Esse processo criativo é fundamental, pois, ao fazer isso, elas não apenas moldam suas identidades, mas também fortalecem suas relações sociais. Além de desenvolverem habilidades cognitivas, como a criatividade, elas também aprendem a trabalhar em equipe, negociar e se comunicar de forma eficaz, consolidando tanto o crescimento social quanto emocional.

Da mesma forma, a brincadeira de pular corda, que é bastante popular entre as crianças, envolve duas delas segurando as extremidades da corda e balançando-a para que as outras possam pular. Esse ato simples se transforma em uma expressão de criatividade, à medida que as crianças inventam novas canções e ritmos. A introdução de rimas e desafios rítmicos, como pular de costas ou aumentar a velocidade, demonstra como a imaginação e a capacidade criativa se manifestam nesse contexto.

Além disso, a colaboração entre as crianças que seguram a corda e aquelas que pulam fortalece o pensamento coletivo e a resolução de problemas em grupo. A

habilidade de criar regras, como realizar movimentos específicos durante os pulos ou alternar os participantes em diferentes ritmos, destaca ainda mais o uso do pensamento criativo. Essas dinâmicas não apenas enriquecem a brincadeira, mas também cultivam um ambiente onde a imaginação pode prosperar, permitindo que as crianças explorem novas possibilidades em conjunto.

Já a brincadeira de “Roubar Bandeira” envolve estratégia, agilidade e cooperação. Duas equipes se posicionam em lados opostos de um campo delimitado, cada uma com uma bandeira, que pode ser um pano ou um galho de árvore, colocada em sua base. O objetivo é que os jogadores da equipe adversária tentem correr até a bandeira e voltar ao seu lado sem serem tocados pelos adversários, que podem capturá-los ao tocar. Se um jogador for tocado, ele deve ir para uma área designada até ser “resgatado” por um companheiro. A partida termina quando uma equipe consegue roubar a bandeira da outra.

Nessa atividade lúdica, a criatividade se manifesta nas estratégias inventadas pelas crianças para capturar a bandeira sem serem descobertas. Elas são estimuladas a pensar de maneira inovadora, criando táticas para enganar os adversários e desenvolver habilidades de cooperação com os membros do time. A adaptação do espaço de jogo, seja em terrenos acidentados ou áreas mais restritas, desafia as crianças a encontrarem soluções criativas para lidar com as limitações do ambiente. Esse processo de formular estratégias coletivas para desviar dos oponentes ou proteger a bandeira exige que as crianças se adaptem rapidamente às condições do jogo, demonstrando flexibilidade cognitiva e improvisação.

Além disso, brincar na rua permite que as crianças explorem suas capacidades de improvisação. Quando surgem obstáculos ou conflitos, elas rapidamente ajustam as regras do jogo ou inventam novas soluções, evidenciando o pensamento divergente em ação. Por exemplo, se a brincadeira começa a perder o interesse, as crianças sugerem novas formas de jogar ou introduzem modificações que mantêm a dinâmica envolvente. Essa flexibilidade é uma característica fundamental do pensamento criativo, pois demonstra a capacidade de se adaptar a novas situações e manter o engajamento.

Em todas essas experiências, a criatividade emerge como elemento central do brincar. Ao reinventar regras, transformar objetos e propor soluções novas, as crianças não apenas se divertem, mas também aprendem, constroem conhecimento

e fortalecem seus vínculos sociais. O brincar, nesse sentido, é muito mais do que lazer: é um exercício de criação, de liberdade e de aprendizagem ativa.

5. Considerações finais

As brincadeiras de rua desempenham um papel central no desenvolvimento cognitivo infantil, oferecendo um espaço privilegiado para a manifestação da criatividade. Ao investigar como o processo criativo emerge nas ações das crianças, este estudo demonstra que o brincar livre possibilita a exploração de novas ideias, a resolução de problemas e a adaptação a diferentes situações, todas características fundamentais do pensamento criativo. Além disso, as interações sociais que ocorrem nessas atividades reforçam a capacidade de cooperação e a criação coletiva, ampliando o impacto das brincadeiras na formação social e cognitiva das crianças.

Dessa forma, a criatividade, como processo cognitivo, se revela uma ferramenta crucial para o desenvolvimento infantil, sendo impulsionada de forma espontânea durante as brincadeiras de rua. Ao reconhecer a importância desses momentos lúdicos, é possível valorizar ainda mais o papel do brincar livre na infância, promovendo ambientes onde as crianças possam explorar suas capacidades criativas em sua totalidade. Assim, é fundamental que se estimule e preserve o espaço das brincadeiras de rua, garantindo que a infância continue a ser um momento de crescimento pleno e expressão livre.

O processo criativo é parte fundamental do desenvolvimento infantil, sendo indispensável para a formação de indivíduos críticos, flexíveis e capazes de enfrentar desafios futuros. Em um mundo cada vez mais voltado para a tecnologia e o ensino estruturado, é vital reconhecer a importância das experiências lúdicas e criativas que as brincadeiras de rua oferecem. Elas não apenas preenchem lacunas no desenvolvimento cognitivo, mas também promovem a socialização e o bem-estar das crianças.

Referências

ALENCAR, E. S. et al. **Como desenvolver o potencial criador**: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula. ed. 12. Ver. e atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

ASHTON, K. **A história secreta da criatividade** [recurso eletrônico]. Tradução Alves Calado. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

AZEVEDO, C. E. F. et al. **A Estratégia de Triangulação**: Objetivos, possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. EnEPQ, Brasília, 3 de nov. de 2013.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CONSENZA, R. M.; GUERRA, L. G. **Neurociência e Educação**: Como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, L. F. M. da. **Didática da matemática e a mobilização de processos cognitivos**: reflexões sobre aspectos teóricos-metodológicos do ato de ensinar. São Paulo: Livraria da Física, 2024.

COSTA, R. C. **Se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava vir brincar** / Rebeca Cavalcante Costa. 2023. 28 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2023.

COSTA, L. F. M. da.; LUCENA, I. C. R.; SOUZA, E. GOMES. **Complexidade e Pesquisa Qualitativa**: questões de método. Revista Perspectiva da Educação Matemática, v. 8, número Temático, p. 727-748, 2015.

FIGUEIREDO, A. M. R. **Crianças e territorialidades**: As brincadeiras nas ruas do bairro da União em Parintins/AM. 2017. 220 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

FILHO, P. S. G. A teoria do investimento em Criatividade de Robert Sternberg e Todd Lubart. In: Pereira, M. S. N; Fleith, D. de S. (org). **Teorias da criatividade**. Campinas, SP: Alínea, 2020.

FONSECA, V. da. **Papel das Funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem**: uma abordagem neuropsicopedagógica. Rev. Psicopedagogia, São Paulo, v. 31, n. 96, p. 236-253, 2014.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. ed. 9, São Paulo: Atlas 2021.

NEVES-PEREIRA, M. S; FLEITH, D. de S. **Teorias da Criatividade**. Campinas, SP: Alínea, 2020.

PEREIRA, E. A. F. **Brincadeiras das infâncias como espaço de mobilização de ideias matemáticas nos anos iniciais da escolarização**. 2023. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

QUEIROZ, N. L. N. de; MACIEL, D. A; BRANCO, A. U. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista**. Paidéia, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

ROCHA, D. C. **Esse rio é minha rua: experiências de lazer das crianças ribeirinhas da Ilha do Combu em Belém-PA**. 2021. 126 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.